

ITALIA — MUSEU REAL DE NAPOLES.

O museu real de Napoles é, no seu genero, um dos estabelecimentos mais preciosos que existem na Europa. O edificio, em que se acha hoje, teve na primitiva um destino bem humilde, eram ali as cavalariças reais, e suas dependencias, depois ampliou-se, e fizeram-se-lhe as obras necessarias para accommodar-se uma universidade! Até a rua, que se chamava *delle Pigne*, tomou o nome *degli Studi* (dos Estudos). Finalmente a universidade transferiu-se para outro ponto, e determinou-se a fundação do museu como existe. O edificio é magnifico; mas ainda que fosse de muito mais admiravel fabrica nunca poderia equivaler ás riquezas, que encerra. Foi o architecto Pompeu Schiantarelli quem deu a este monumento proporções mais dignas da sua nova applicação. De geração em geração o museu tem-se enriquecido com as reliquias de Pompeia, de Herculanium e de Stabia. Herdou as preciosas galerias do duque Carafa di Noja, do cardeal Borgia, e de Vivenzio. Divide-se o museu de Napoles em quinze collecções, que bastará enumerar para conhecer-se-lhe a importancia. No pavimento inferior estão collocadas as pinturas antigas a fresco, os mosaicos de Herculanium e de Pompeia, as estatuas, os baixos-relevos em marmore, as estatuas de bronze, o Hercules, o grupo do

touro farneziano, as inscripções, em numero de mil e quinhentas, os monumentos egypcios, objectos de barro antigos (quasi cinco mil), cristaes, monumentos da meia idade. No primeiro andar estão a bibliotheca, os papyrus, os vasos pintados, os bronzes, as medalhas, as moedas, os objectos preciosos, o gabinete reservado, os quadros. Na galeria de pinturas modernas, além de uma collecção das dos mais afamados mestres da escola napolitana, podem admirar-se algumas primorosas produções do Corregio, de Raphael, de Ticiano, André del Sarto, Sebastião del Piombo, Solazio, Carrache, etc.

Esta singela e imperfeita noticia é sufficiente para provar que o museu de Napoles é digno da sua nomeada, e offerece um vastissimo campo ao estudo e meditação do viajante archeologo e philosopho.

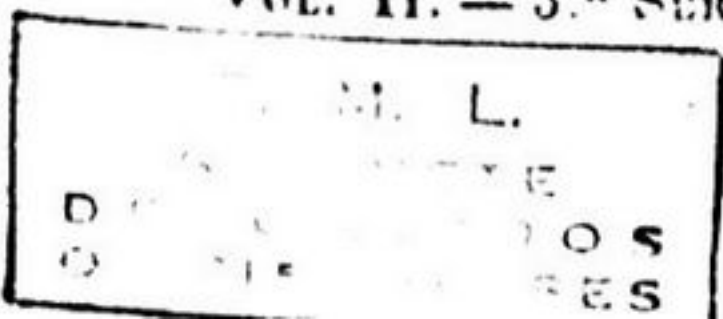
MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

VI.

FALLANDO do *Quirote* de Cervantes vem a proposito lembrar-nos do seu tão disputado e tão problematico *Buscapé*. E tradição quasi coeva do fecun-

DEZEMBRO 10, 1853

VOL. II. — 3.<sup>a</sup> SERIE.



do auctor de D. Quixote, que pouco depois de apparecer á luz esta chistosa novella, publicára Cervantes um como pamphleto, em que explicava o sentido occulto que n'aquella fabula se encerrava, e as allusões que ás cousas do seu tempo o poeta occultára sob a apparencia innocente de uma satyra geral e indeterminada. Conta-se que Cervantes se indignára de que a obra prima do seu ingenho admiravel passasse sem que a côrte corrompida e negligente, e o publico mofador e ignaro coroassem n'um accesso de phrenetica approvação o ultimo esforço da imaginação e o primeiro monumento escripto em que a prosa castelhana apparece em toda a sua opulencia e magestade. O poeta, diz-se, recorrêra então a uma traça muito vulgarisada e conhecida n'estes nossos tempos. Cervantes, não podendo despertar a indolencia dos leitores com as graças genuinas e singelas da sua musa inimítavel, jurou de chamar a attenção publica sobre a sua obra, tentando por um escandalo o que não pudera conseguir pela belleza da sua fabula, pela pompa do seu estylo, pela originalidade das suas scenas, e pelo sal, todo peninsular e todo puro, da sua correcta e acepilhada linguagem. «Não admiraes D. Quixote como uma creação minha, como um personagem a quem falta apenas um corpo, e um sôpro de vida para existir e para agitar-se. Não vos enleva a imagem da vida prosaica, e a personificação do senso-commum no vulto plebeu, mas verdadeiro do meu Sancho? Pois bem. Eu vou emprestar áquellas figuras uma allusão, áquellas scenas todas uma satyra do presente, áquella novella o sentido occulto de um libello.» E Cervantes, diz a tradição, escreveu então o *Buscapié*.

A verosimilhança não contrariava a tradição, e as injustiças de que Cervantes fôra victima durante a sua já então longa e sempre atormentada vida, ahí estavam para auctorisar a opinião de que o poeta tivesse, sob a candidez e a innocencia da sua novella predilecta, estampado uma allegoria, e um pamphleto contra os personagens que então mais figuravam na scena politica, ou na litteratura contemporanea.

D. Vicente de los Rios, um dos mais judiciosos e diligentes biographos de Miguel de Cervantes, seguiu a tradição, que até ali vogára incontestada, e são dignas de se lerem as palavras com que na *Vida de Cervantes*, procurou demonstrar a possibilidade do *Buscapié*.

«Conhecendo,» diz de los Rios, «que o *Quixote* era lido pelos que o não entendiam, e que não o liam os que podiam entendel-o, procurou excitar a attenção de todos publicando o *Buscapié*. N'esta obrinha, que se imprimiu anonyma, e é extremamente rara, fez uma apparente e graciosa critica do *Quixote*, insinuando que era uma satyra fina e disfarçada de varias pessoas mui principaes e conhecidas; mas sem descobrir nem manifestar, nem pelos mais leves indicios, a nenhuma d'ellas. Critica discretissimamente manejada com que deu tanto credito e reputação ao *Quixote*, e aguilhoou a credulidade publica, de modo que todos o buscavam e o liam á porfia, crendo descobrir claramente, na sua leitura, os objectos da satyra que insinuava o *Buscapié*.»

Parece que tambem fôra tradição, que n'este folheto ultrajára Cervantes a memoria do cesar Carlos V, affirmando que o *Quixote* era uma satyra ao cavalheiresco imperador, e ao duque de Lerma, celeberrimo valido e ministro de Philippe III de Hespanha, personagens que por um anachronismo permittido a novelleiros e poetas poderia alguém ver talvez representados nas duas figuras principaes da

novella de Cervantes, o *fidalgo engenheiro*, e o seu inseparavel escudeiro.

Seja como fôr é certo que a existencia do *Buscapié* e o haver elle sido escripto por Cervantes passaram muito tempo como uma tradição dogmatica da litteratura castelhana. Uma pessoa de todo o pezo e auctoridade n'estas cousas affirmava ter visto e lido o opusculo original, especie de Phenix da litteratura e da bibliographia hespanhola. A carta de D. Antonio Ruiz Diaz sobre o *Buscapié*, inserta nas *Provas da vida de Cervantes*, colligidas, de ordem da Academia hespanhola, por D. Vicente de los Rios, parecia terminar a questão, e dar-lhe uma solução conforme com o que a tradição constantemente asseverára.

Pellicer, um dos mais noticiosos e eruditos biographos de Cervantes, foi o primeiro que tentou incluir a historia do *Buscapié* entre as numerosas fabulas que maculam as historias politicas e litterarias, antes que uma critica reflectida e implacavel as tenha expurgado dos erros e abusões, que por vezes auctorisa a tradição. Posto que os argumentos do critico hespanhol não sejam destituídos de razão, a questão pôde considerar-se ainda como pendente, e a existencia do *Buscapié* um problema que terá de exercitar por muito tempo a argucia dos criticos e a temeridade dos especuladores.

Adduz-se como objecção ao *Buscapié* o haverem-se feito quatro edições do *Quixote* no proprio anno de 1605 em que se publicou. Se o publico festejou e acolheu a novella de Cervantes, se para saciar a avidez dos leitores foi mister realizar uma d'estas maravilhas que a imprensa poucas vezes pôde obrar, a de reproduzir muitas vezes em pouco tempo o livro de um auctor obscuro e desconhecido, para que recorreu Cervantes ao expediente de excitar com o *Buscapié* a curiosidade dos leitores? Se quatro edições do *Quixote* se esgotaram como novella, haviam de vender-se mais ainda, apenas declarado o *Quixote* a satyra de Carlos V, e o libello ridiculo do duque de Lerma?

Esta objecção, citada por D. Manuel Quintana na *Vida de Cervantes*, que precede o *Quixote* da edição de 1797, repetida depois por D. Adolfo de Castro, o eruditissimo falsificador do estylo de Cervantes, parece á primeira vista destruir pelos fundamentos, senão a existencia do *Buscapié*, ao menos o teor por que a tradição affirmava que elle fôra escripto. E' facil porém de ver, que esta contradicção não altera em nada a verosimilhança da tradição, nem resolve negativamente as duvidas que formulára a critica sobre o pamphleto de Cervantes.

Escreveu-se o *Buscapié* depois da apparição do *Quixote*? Foi o proprio Cervantes ou algum outro que o redigiu? Foi o *Buscapié* escripto com o intuito rastêiro de armar á avidez e á malignidade publica, interpretando as allusões do *Quixote*, ou inventando maliciosamente uma intenção e um sentido, que Cervantes lhe não deu?

Eis aqui formuladas-as questões que se podem agitar. Que se escreveu o *Buscapié* affirma-o a tradição, constante, universal, ininterrupta. Ora a tradição não mente nunca no fundo de um acontecimento. Um successo existiu realmente. A tradição colheu-o na origem, surprehendeu-o no berço, deu-lhe corpo, magnificou-o, e entregou-o á memoria e á posteridade. Passa um anno e outro anno, e as feições do evento vão, como effigie em moeda corriqueira, embotando-se e perdendo a regularidade primitiva. Decorreu um seculo e a tradição mente já, não na substancia da acção, mas nos accessorios, nas circumstancias, nos episodios. Deu-se uma batalha

ha outro seculos. Eram cem mouros contra cem christãos. A victoria, sempre ambiciosa e injusta, engrossou as hostes inimigas, e ajuntou a cada phalange de vencidos mais uns tantos por cento de vantagem. Correu a tradição de boca em boca, de chronica em chronica, e o que fôra um recontro é já batalha, e o que foi acção mui secundaria lá figura entre as pugnas celebres, ao lado de Philippos ou de Arbellos, a par de Platea e de Pharsalia. Chega aos nossos dias, e o que era successo natural e verosimil acha-se, por uma operação inexplicavel, transformado em maravilha, e em prodigio. Mas interroguem a tradição constante, e no fundo d'ella, por entre os prestigios de que a phantasia popular orlou por muitos seculos a desnudez da verdade, achareis uma cousa, que realmente se passou singela e desornada.

A tradição depõe a favor da existencia do *Buscapié*. Seria porém Cervantes o seu auctor? Escreveu-o elle para explicar o sentido occulto e a allegoria enredada, que se disfarçam sob a perfeita candura do *Quixote*? Existiu de feito na mente do escriptor a intenção de entregar á posteridade, envolto no ridiculo de uma satyra jovial e burlesca, o poderoso valido e conselheiro de Filippe III? Qual foi o empenho de Cervantes, escrevendõ esse *Buscapié*, que tanto agita os philologos hispanicos? Se foi outro escriptor o que sob o nome do novelleiro hespanhol excitou a attenção e a curiosidade publica com as malignidades problematicas do *Buscapié*, que interesse pôde ter em denunciar o *Quixote* como o pretexto litterario de um libello, e a Cervantes como o Pasquim da cõrte de Filippe III?

Estas questões podem ministrar um thema inexaurivel ás guerras intestinas dos *Cervantistas*, e aguçar o engenho e a sagacidade dos commentadores e dos biographos, sem que possam achar uma solução racional e verdadeira, porque o *Buscapié* é até hoje o desespero dos philologos, o vellocino procurado dos livreiros.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XIV.

*Cessão da villa d'Arrayolos a D. Nuno Alvares Pereira. — Occasião em que n'ella esteve.*

TRES condados teve o condestavel D. Nuno Alvares Pereira. O 1.<sup>o</sup> foi o de Ourem, que havia sido de João Fernandes Andeiro, e lh'o deu el-rei D. João I estando em Santarem, a 20 de agosto da era de 1423, anno 1385, logo depois da batalha de Aljubarrota; comprehendendo n'esta doação, além de todas as terras, villas e logares, que o dito João Fernandes Andeiro havia ao tempo de sua morte por qualquer guisa que fosse, as seguintes; Villa Viçosa, Borba, Estremoz, Evora-monte, Portel, Monte-mór o novo, Almada, e Sacavem com seus reguengos; Friellas, Unhos, Camarate, e Collares com seus termos e reguengos, Porto de Moz, o Rabaçal, Bouças, Alvaizere, terra de Pena, terra de Basto, Arco de Beilly, e terra de Barroso, com o serviço real dos judeus da cidade de Lisboa (1). Tudo isto elle acceitou com

condição d'el-rei não fazer outro conde em sua vida, o que el-rei lhe prometteu. (2)

O 2.<sup>o</sup> condado foi o de Barcellos com sua jurisdicção e direitos, dado no mez de outubro do mesmo anno. (3)

O 3.<sup>o</sup> foi o de Arrayolos, que adquiriu por escambo, que fez com el-rei em 16 de dezembro da era de 1425, anno de 1387, da fórmula seguinte. Outorgou-lhe el-rei e deu-lhe o condado d'Arrayolos com todos seus direitos, pertenças, rendas e termos; e outrosim a villa de Monsaraz, e o castello da menagem d'ella, e a Vidigueira, e villa de Frades, e Villa Ruiva, e Vill'Alva, e a villa de Chaves com seu castello. E da sua parte o conde deixou e deu a el-rei as jurisdicções das villas de Estremoz e Monte-mór o novo, e os castellos d'ellas; conservando todavia o conde todas as rendas, reguengos, e direitos, que havia nas mesmas villas antes d'este contrato. Mais deu el-rei e outorgou ao conde em todas as ditas villas, que por este contrato lhe ficam pertencendo, a justiça assim civil, como crime (reservando el-rei as algadas para si); e que elle conde possa pôr e fazer juizes, alcaides, meirinhos, almoxarifes, escrivães, tabelliães, e outros quaesquer officiaes etc. E declara el-rei que tudo isto dá e concede não só ao condestavel, mas a todos aquelles, que d'elle vierem e descenderem. (4)

Na era de 1434, anno 1396, continuava a guerra com Castella, e haviam os castelhanos feito uma entrada por terras de Alemtejo, a que de Coimbra acdiu el-rei e o condestavel com sua hoste. E passando el-rei o Tejo em Punhete, «antes que chegasse a Montargil (diz Fernão Lopes) soube certas novas que o dia d'antes pela manhã passaram os castellãos Odianna pelo porto de Serpa, indo já a ribeira tão cheia, que lhe ficára gram parte da cavalgada, que não pudera passar, e que se um pouco maistardaram, que não houveram váu, por a muita agua, que no rio crescia; e el-rei os achára dentro em seu regno, segundo o andar que levava: mas que entendia que por inculcas souberam de sua ida; e porém se foram assi trigosos; e desto foi el-rei e o conde anojados, e todos os da hoste, que com elles eram. E em outro dia chegou a Arrayolos, e com elle o conde, e ali dormiram; e em essa noute, sendo já alto serão, mandou el-rei chamar o conde, que jazia dormindo em sua tenda, e elle se alevantou e foi logo lá, però fosse bem grande espaço; e el-rei lhe disse, e mostrou alguns recados, que houvera das más maneiras, que o priol D. Alvaro Gonçalves Camello, marichal da sua hoste, tinha contra seu serviço, e que o queria mandar prender, e de feito logo fôra prezo, e o conde o desviou então d'ello. Em outro dia se foi el-rei a Evora, e vistas as cartas, que foram tomadas, que el-rei de Castella mandava ao priol em resposta de outras, que lhe enviára como queria ser seu, e se ir pera elle, el-rei o mandou logo prender, e entregou-o a Martim Affonso de Mello, que era alcaide-mór da cidade.» (5)

(2) Fernão Lopes. Chronica d'el-rei D. João I, parte 2.<sup>a</sup>, cap. 52.

(3) Ibid. cap. 63.

(4) Cartorio da casa de Bragança, liv. dos contratos, fl. 51. — Equivocou-se por tanto Alvaro Ferreira de Vera, quando, na *Origem da nobreza politica*. Lisboa 1631, fl. 30 v.; inculca que o primeiro condado de D. Nuno Alvares Pereira fôra o de Arrayolos.

(5) Fernão Lopes. Chronica d'el-rei D. João I, part. 2.<sup>a</sup>, cap. 161 do impresso, e 159 do ms. da bibl. pub. eborense.

(1) Torre do Tombo. L.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> de D. João I, fl. 82 v.

Em maio da mesma era estava o condestavel em Arrayolos, quando el-rei lhe escreveu sobre as intelligencias, que tinha em Badajoz (Badalhouse) para ser tomada, como com effeito o foi dentro em poucos dias; e o condestavel, como soube que Badajoz era tomada, foi-se logo a Elvas, e mandou chamar Martim Affonso de Mello, que de Campo Maior dirigiu as intelligencias em Badajoz e fallou com elle a maneira da guarda da cidade, e deu-lhe as gentes, que era mister. (6)

Quando com o correr dos tempos desgostos com el-rei obrigaram o condestavel a retirar-se da côrte, escolheu para sua residencia as terras, que possuia em Alemtejo. Na 2.<sup>a</sup> semana do 3.<sup>o</sup> mez da era de 1432, anno 1414, querendo el-rei, e os infantes seus filhos fallar-lhe com o devido recato ácerca da empreza da conquista de Ceuta, foram caçar a Alemtejo, e mandando recado ao condestavel, que áquelle tempo estava em Arrayolos, se juntaram todos em Monte-mór o novo. O condestavel approvou muito aquella determinação, e brevemente se partiram cada um para sua parte; el-rei e o infante D. Pedro para Santarem, os infantes D. Duarte e D. Henrique para Evora, e o condestavel novamente para Arrayolos (7). No anno seguinte de 1415 achou-se na empreza, e na volta tornou para o seu retiro de Alemtejo, onde habitou até ao anno de 1423, em que se recolheu ao convento do Carmo de Lisboa, fundação sua, havendo repartido por seus netos os seus extensos dominios. A seu neto D. Fernando, que ao depois foi duque de Bragança, conde de Barcellos e de Ourem, e marquez de Villa Viçosa, deu o condado e villa de Arrayolos, as rendas e direitos de Monte-mór, Evora-monte, e todas as terras e rendas, que havia entre Tejo e Odiana (8).

A chronica antiga do condestavel conta este successo no cap. 65 sem differença.

(6) Fernão Lopes. Chron. cit. part. 2.<sup>a</sup>, cap. 158.

(7) Gomes Eanes de Azurara, na *Tomada de Ceuta*, que fórma a 3.<sup>a</sup> parte da chronica d'el-rei D. João I, cap. 21.

(8) Por carta feita em Borba a 4 de abril da era de 1460, anno 1422, confirmada por el-rei D. Duarte em Santarem a 9 de dezembro (outras cópias dizem outubro) anno do nascimento 1433. (Torre do Tombo: L.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> dos Misticos, fl. 193 v., e impresso no tom. 3.<sup>o</sup> das provas da hist. genealog. pag. 518.) Novamente confirmada por el-rei D. Manuel ao duque D. Jayme em Villa Franca, a 16 de agosto de 1496. E por el-rei D. João III, ao duque D. Theodosio, em Lisboa, a 2 de junho de 1542, com esta apostilla. «E esta confirmação se não entenderá quanto ás villas da Vidigueira, villa de Frades, Villa Ruiva, e Villa Alva, porque estas lhe não confirmo. Por quanto o duque D. James, seu pae do dito duque, as vendeu por licença d'el-rei meu senhor e padre, que Deus haja, a saber, a Vidigueira e villa de Frades a D. Vasco da Gama, almirante da India, que depois foi conde da dita villa da Vidigueira; e Villa Ruiva e Villa Alva a D. Rodrigo de Mello, conde de Tentugal, que ora é marquez de Ferreira. E por n'esta doação dizer que lhe foi dada Villa Formosa e a Chancellaria, eu mandei fazer diligencia para se saber se era toda uma, ou eram duas villas; e pelo duque fazer certo que a povoação de Villa Formosa se mudára á Chancellaria, e ser tudo uma villa e seu termo, houve por bem que se fizesse aqui d'isso esta declaração por ao diante não haver n'isso duvida. (Torre do Tombo, liv. 38 de D. João III, fl. 97. Provas da historia geneal. tom. 4.<sup>o</sup>, pag. 2.)

Assim ficou o condado de Arrayolos incorporado na casa de Bragança até ao tempo presente, salva a pequena interrupção, de que adiante se fallará.

(Continúa.)

J. H. DA CUNHA RIVARA



ARMENIA — IGREJA DE AKHALTSIHE.

A ARMENIA, vasta região da Asia, divide-se em alta e baixa; os romanos conquistaram uma parte, annexaram-na ao imperio, e impozeram-lhe o nome de *Armenia minor*. Esta era limitada ao norte pela Colchida, a este pela Armenia propriamente dita, a oeste pela Cappadocia, e ao sul pela Comageneia. A Armenia actual tem por limites ao norte o mar Negro e a Georgia, a este a Georgia e o Adzerbaidjan, ao sul o Kurdistan e o Diarbékir, e ao oeste os Eyalets de Sivas, e de Marach. O paiz é cortado em todo o seu comprimento pelo Tigre e pelo Euphrates, que ahí têm origem.

A Armenia fórma uma chã elevadissima, coroada de montanhas mais elevadas ainda, entre as quaes se ostentam os cabeços cobertos de neve do monte Ararat, que a tradição aponta como o lugar em que a arca de Noé parou. A altura do grande Ararat é de 4:506 metros; a do pequeno é de 3:182 metros.

Os armenios são christãos, mas não puderam nunca reconciliar-se com os catholicos, dos quaes divergem em alguns pontos essenciaes de dogma.

Todos os documentos antecedentes estão repetidos, e acompanhados de novas confirmações, a saber, de D. Filippe I, em Lisboa, ao duque D. Theodosio, a 13 de fevereiro de 1592: de D. Filippe II, ao duque D. Theodosio, em Lisboa a 23 de junho de 1627: e de D. Filippe III, ao duque D. João, em Lisboa a 27 de novembro de 1638: no livro 34 de D. Filippe III, fl. 52 v., na Torre do Tombo; onde á confirmação de D. João III se acrescenta: «E á margem da dita carta estava uma verba, que tal é: Pelo direito, posse, acção, que o duque tinha nas minas, veas, vieiros de todo metal descobertas, e por descobrir em todas suas terras, que largou a S. A. per via de transacção, sobre que trazia demanda com o procurador de S. A., houve o dito duque 25\$ réis de juro assentados nas sizas de Villa Viçosa desd'o anno de 51 em diante, e sómente fica ao duque as minas de ferro do termo de Bragança, e as minas das turquezas d'antre Borba e Villa Viçosa descobertas e por descobrir, etc. V. cap. XXIX (Hospital), nota 4.

Os armenios tem fama de avaros, de sobrios, e de humildes; mas passam também por dissimulados.

Na Armenia encontram-se muitos monumentos da religiosidade d'este povo, que é realmente digno de melhor sorte.

Mrs. Lotin de Laval e Carlos de Gatines descobriram em 1844, cêrca de Erzeroum, sobre uma colina, uma magnifica igreja grega abandonada, de fórma circular, e da melhor epocha do Baixo-Imperio.

Sob a invocação de S. João, no recinto da cidade de Akhaltsibé, eleva-se uma igreja do estylo armenio mais singelo. O interior recebe a lua pela cupula, que descansa no centro dos quatro frontões. Concertada varias vezes, esta igreja offerece a apparencia mais singular, em consequencia do costume que têm os armenios de empregar como materiaes as pedras das sepulturas; d'aqui resulta uma especie de mosaico de esculpturas e de inscripções; e muitas vezes tem acontecido salvarem-se por este meio antigualhas do maior valor. Um dos baixos-relevos, que é de grosseiro trabalho, representa a consagração da igreja.

#### MÁ-NOVA.

Sôa importuno zunido  
De negro insecto agoureiro,  
E o coração presentido,  
Qual propheta verdadeiro,  
Aos bens, aos males do céu,  
Ergue, rasga o denso véu.

Assim, á nova sentida,  
Que se conta duvidosa,  
Por duvidosa é ouvida;  
— Como nuvem vaporosa,  
Sobre a immensa periferia,  
Confundindo noute e dia: —

De meu agreste alaúde,  
Feriu-se a corda mais triste:  
Era a voz do ataúde!  
Voz a que nenhum resiste;  
Que o dom d'humano propheta  
Vive n'alma do poeta!

Se tão só, divino sópro,  
Fôra d'alma a creação,  
Toque d'immortal escôpro,  
Na estatua da corrupção;  
Repetiu-o Deus, na lyra  
Do poeta, que Elle inspira!

“É morta!” — Sôa a má-nova,  
Que por má, não era aceita.  
“É morta!” — Mais uma cova!  
O celeiro, onde a colheita,  
A cada hora se augmenta,  
Da céga fouce cruenta.

Que duros golpes, sem fim,  
Em vez d'embotar, afiam:  
Feroz maça de Caim,  
Que os respeitos não desviam;  
Nem saber, força, belleza,  
Quanto póde a natureza!

Funesta, justa igualdade!  
Que, nos dous pólos da vida,  
Levantára a Eternidade!  
Na desventura — guarida,

Dos poderosos — terror,  
A um tempo, odio e amor! . . .

— Silencio! — Os écos sentidos,  
Que, reflectindo na serra,  
Vem chegando a meus ouvidos,  
Escutei-os já na guerra:  
Tremendos sons do canhão,  
Reconheço, que elles são.

Mas as notas compassadas,  
Como em funda sepultura,  
Do coveiro as enchadadas;  
Vem tão tristes d'amargura! . . .  
Pungem mais, que, na batalha,  
O sibilar da metralha!

É que, em seu troar ingente,  
Por férreas linguas então,  
Voava mortal serpente,  
Em delirios d'ambição!  
Hoje, a seu melhor destino,  
É triste, devoto hymno.

Resto de vaidade humana,  
Seja essa muzica: — embora!  
É mais doce, na choupana,  
A morte, que o mundo ignora.  
Mais singela, d'esplendor,  
Tem só lagrimas d'amor.

Nem lingua hypocrita verte,  
Sobre a campa do finado,  
Nénia, que p'ra si converte,  
Em alto gráu cubigado;  
Em ouro, que só procura,  
Cuspa, embora, a sepultura.

Quantos, que na dôr pungente,  
Agora fingem ter parte,  
Se, por força omnipotente,  
Por condão, d'estranha arte,  
Pudessem, de novo, a vida  
Dar á Regia Adormecida;

Segunda morte lhe deram!  
Incensos, que lhe hão queimado,  
Em veneno converteram!  
Ai! Grandeza! Potentado!  
Ultima estancia, em que ha de  
Luzir o sol da verdade!

— Silencio! — O sino plangente  
De novo me attrahe, me fére.  
Labios d'innumera gente,  
Ao Deus, que as préces differe,  
Eil-os, sinceros, orando;  
Sua alma, ao céu levando.

Oremos ao Rei celeste!  
O sceptro, partido agora,  
Tornou-se humilde cypreste,  
Regado por quem o chora.  
Pranto, de maior fervor,  
Esse, é tido em mais amor.

Que, á régia campa, bemvindas,  
As préces de todos são:  
Dentro, em douradas berlindas,  
A pé, caminhando, vão.  
Desigualdades da sorte,  
Corta-as a fouce da morte! . . .

Hoje, que o Poder extinto,  
Honras, graças já não tem;  
D'um peito, que se diz "sinto"  
Jamais duvidára alguém;  
Uma lagrima fiel,  
Acceita, lusa Rachel.

Como ella — por seres mãe!  
Á vida puzeste fim:  
É mais infeliz, também,  
Dêste a morte a Benjamim.  
Ella morre — e um berço cria;  
Tu morres — matas n'um dia!

Ella morre, dando vida,  
A quem p'rá vida creára;  
Foi ser mãe. — É dôr querida,  
Morte, que o filhinho ampara!  
De uma dôr morre sósinha;  
Tu, na dôr foste Rainha!

Mafra, 16 de novembro de 1853.

J. DA COSTA CASCAES.

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SECULO X.

IX.

O banquete.

CHEGAM OS walis, wasires, scheiks, alkaides, e cabos principaes do exercito; chegam os officiaes civis mais graduados e as eminencias do sacerdocio moslemico ao pavilhão do emir. Purificam-se nas fontes de ablusão, substituidas ali por uns cofres de ouro portateis com registos de prata, e depois perfumam-se com agua de essencia de rosas. D'ahi a minutos chega o califa, vestido de monte, com um destacamento das suas guardas, e grande sequito de monteiros e falcoeiros, de volta de uma caçada, para onde partira ao amanhecer; desporto de muito agrado a Abd-el-Rhaman, que era habito na sua familia, e herança dos califas seus predecessores.

Abd-el-Rhaman apeou-se de *Muza*, magnifico cavallo arabe, cuja redea segurou, depois de ter beijado o estribo um official andalus. Ao mesmo tempo descavalgava de um corcel berebere, que tinha nome *Tarik*, o scheik mais distincto do acompanhamento do emir. Era sobrinho de *Muza-ben-Alafia*, o senhor de *Almagreb*, que, inimigo por sangue e armas, era agora por necessidade alliado dos *Ommeias*. Hospede e estrangeiro, o scheik vinha no lugar de honra á direita do principe.

Apenas os dons cavallos foram alliviados das suas illustres cargas, *Tarik*, derribando o soldado de *Kairwan*, que lhe tinha a redea, atacou furiosamente a *Muza*, langando tambem por terra o official andalus, que segurava o corcel imperial. Os dons animaes, em cujo sangue fervia a inimidade das duas raças, e dos dons caudillos, conquistadores da Hespanha dos godos, travaram-se com encarniçamento, e morderam-se com a mesma raiva, com que em batalhas tinham atassalhado a assaz de corredores de Castella, Lusitania e Africa.

Então os soldados do sequito venatorio, tendo todo o cuidado de poupar a *Muza*, bateram sem nenhum dó com as lanças em *Tarik*; e com as bocas cheias de *Iblis* ou de diabos do Koran, rogavam, a seu costume, pragas a este feroz quadrupede da Berberia, chamando-o pelo seu nome, e cobrindo-o de vituperios a elle e a toda a sua linhagem até chegarem aos quartos avós. O scheik, com a cimitarra já nua, marejavam-lhe nos olhos duas lagrimas, e, sem fazer martinete de uma devoção que não sentia, dispunha-se a immolar o seu *Tarik*. Quarenta espadas curvas saiam ao mesmo tempo das bainhas, ameaçando o aggressor de *Muza*.

Abd-el-Rhaman, que da porta do seu pavilhão, rodeado do acompanhamento venatorio, se dignára de presenciar este expectaculo, com um signal fez embainhar espadas, e recolher lanças, despejando o campo, e deixando a peleja igual aos dous campeões. Dirigiu-se logo ao scheik:

— "Creio, cavalleiro de Africa," lhe disse o emir, "que *Muza* é competidor demais para *Tarik*."

No mesmo instante bradou ao seu corcel a voz de combate: "*Allamlah! Allamlah!*"

*Muza* relinchou, couhecendo a voz. Inspirado de novos brios, arcou com *Tarik* com tal violencia, que o berebere baqueou em terra de pernas para o ar. Depois voltou para o vencido a garupa, desfechou-lhe um par de coices; e de collo alto, sacudindo as clias, assoprando de soberba, inflammados ainda os olhos, mas satisfeitos, fazendo praça por entre os grupos, parecendo agradecer com a vista aos *helelis* dos cavalleiros arabes, tregeiteando escarneos á catadura, ou triste ou ameaçadora, dos soldados africanos, a passo grave e garboso, foi até á porta do pavilhão receber os afagos do califa.

Abd-el-Rhaman entrou no recinto da tenda, seguido do scheik, cuja physionomia, gelada como o cimo do Atlas, mascarava paixões abrazadas ao sol de Fez, sua patria, e em cuja cabeça germinava confuso o pensamento dos Almoravides. Formados em duas alas, e pondo a mão esquerda sobre o peito, e a direita na cabeça, todos os hospedes zumbaram ao cabeça do imperio um galá profundo, e precedidos d'este encaminharam-se para a meza.

A meza era de ebano, marchetada de madreperola, oblonga, de uns tres palmos de altura. Serviam-lhe de ornato nas duas extremidades quatro vasos mouriscos singulares pelo feitio e delicadeza dos labores. Em volta d'ella estavam dispostos coxins de seda, franjados de ouro. Alcatifavam o chão ricos tapetes persianos; e a tenda recendia com o perfume das cassoletas de prata, collocadas nos quatro angulos da sala, e respirava o cheiro das flores, colhidas nos campos e vergeis de *Lerma*, que juncavam os tapetes. Por detraz das cortinas de damasco soava um concerto de vozes e instrumentos de muzica: eram cantores e tocadores gregos, mandados vir de Constantinopla. Assistia ao festim a *clepsydra*, marcando, como um chronologista severo, o tempo que passava.

O califa sentou-se, encruzando as pernas, na cabeceira da meza, que olhava ao oriente; e á sua direita e esquerda se ordenaram na mesma postura, por serie de jerarchias e idades, os differentes hospedes.

Começou o banquete, servido por escravos, cuja condição humilhante mostrava o seu ferrete oriental nas barbas completamente rapadas, e nas compridas moutas de cabello, que lhes cobriam as fronteiras. A profusão e diversidade de pratos foi tal, que estou que o mais apurado gastronomo dos nossos dias não desdenharia inteiramente d'aquella cosinha do seculo 10.<sup>o</sup> Eram uma infinidade de pasteis de todas as especies, e um sem numero de guisados de peixe de agua

doce e do mar, symmetricamente arranjados. As inguias de Valencia, as trutas de Alberche, os arenques de Bermeo, as deliciosas lampreias de Sevilha e Alcántara, os delicados salmões de Castro de Ordiales, as saborosas lagostas de Santander etc. não faltavam ali. Mas os vasos cheios de arroz cosido em leite, que n'este como nos outros banquetes arabes serviam de misturar com diversas iguarias, se fossem a um concurso presidido por Brillat Savarin ou Pigeon, levariam redondamente todos os R.R. dos doutores in jure culinario. Já não passariam por igual dezar outras viandas, succulentas ou mimosas, com que os escravos iam successivamente adornando a meza, os cordeiros e cabritos cosidos ou assados, as perdizes, pombos, gallinhas, capões, betardas, faizões, e picados de carne; exercito cuja retaguarda fechavam pepinos recheados, representando, segundo o feitio que o molde lhes talhára, diferentes fórmas de animaes. No centro da meza ostentava o seu martinete movediço e a sua cauda de mil côres um bello pavão, deitado em um prato de ouro. D'estas premissas não é preciso ser lá grande logico para inferir, que os punhaes e os talhadores trinchavam, e os queixos trabalhavam de modo a não deixarem nenhuma duvida sobre o appetite, verdadeiramente pantagruelico, dos illustres convivas.

A meza abundava de sorvetes e bebidas, entre as quaes se distinguiam a *fokka*, a *mazar*, e outras cervejas menos especiaes do que estas, o *sahbá* ou vinho branco, inventado para illudir a prohibição expressa que o koran fazia do *ghamar* ou vinho tinto, o *ghamar*, o *nebidh*, que era vinho de tamaras, e o vinho de figos.

Muitos dos convidados commettiam sem escrupulo o duodecimo peccado mortal, fazendo uso de todas as bebidas espirituosas, que durante o reinado de Abd-el-Rhaman III eram licenciosamente toleradas entre os musselmanos hespanhoes; em quanto se penitenciavam das culpas do proximo os khatibes e alfauis, que assistiam ao banquete, bebendo agua unicamente. Era porém para notar que a agua, que ali se bebia, fôra tirada da celebre *fonte dos sete pães*; e a rapidez, com que os cabritos, as gallinhas, e as perdizes succediam uns aos outros nos pratos d'aquelles reverendos padres, provava que a *fonte dos sete pães* não tinha perdido nenhuma das suas virtudes miraculosas (1).

Acabada a distribuição das carnes e pescado, encheu-se a meza de um sem numero de fructas e conservas, que não deshonrariam a copa exquisita dos nossos glutões modernos. Eram melões de Valencia, passas de Alicante, laranjas de Tangere, limões doces de Fez, pêras das mais primorosas qualidades, tamaras de Tunes, romãs de Granada, figos do Algarve, uvas de Schiraz, amoras de Murcia, amendoas de Ibi, azeitonas cordovis, e bolotas assadas. Vinham estas sobre-mezas em cestos de prata, curiosamente lavrados. Em frente dos cestos dispozeram-se de um e outro lado duas ordens de vasos da China, cheios de conserva de fructas de diferentes castas.

Tiraram então da meza os vinhos donzeis e as taças; e fôra para espantar que os bebedores mais de-

votos os vissem ir como viram, sem demonstração de magua, se alguns com meneios, só sabidos dos verdadeiros adeptos da cêpa, não estivessem manifestando que esperavam por cousa superlativa. Trouxeram, com effeito, os escravos um grande aparelho, vestido completamente de um pano de seda côr de purpura com bordados de ouro e retroz, que representavam amphoras, taças, e pessoas na figura de quem bebe. O malicioso artista tinha ali debuxado com muita propriedade um religioso mahometano, que afastado dos bebedores, e com o gesto de quem espreitava para que o não vissem, fazia ao mesmo tempo com as suas vestes compridas sobrecéu a uma taça que tinha na mão, e inclinava a cabeça, luzindo-lhe nos olhos e no semblante a sofreguidão que sentia de chegar os beijos á taça. A vista d'este quadro provocou riso geral em toda a meza; riso, que todavia não perturbou a seriedade, com que o khatibe principal despejava um copo de agua da fonte dos Sete Pães para digerir o sexto melão, que tinha comido, em quanto ia descascando o setimo.

Ao tempo que o khatibe, mettendo na bôca o primeiro gomo da quadragesima laranja, que succedeu ser azeda, fazia uma carantonha de satyro de chafariz, levantou-se o pano de seda que acobertava o aparelho, e descobriu-se com regosijo dos circumstantes uma frasqueira intacta dos afamados vinhos de Ana e Schiraz. Foi o califa quem desarrolhou a primeira amphora, e n'um discurso breve, mas pomposo e apaixonado, propoz um brinde em honra de Azarath, a perola do harém. Toda a companhia se ergueu, zumbou um galá, e brindou em taças, que eram de grande preço e exquisito lavor. «Guardae-as,» disse o califa, «em memoria d'este brinde.» Os convivas agradeceram com outro galá.

O segundo brinde do califa foi em honra de seu filho Abdallah, ausente em Navarra, e pretendente á mão da infanta D. Sancha.

O terceiro dedicou-o Abd-el-Rhaman ao seu hagi-be ou primeiro ministro Muhamad-ben-Said-ben-Musa, em testemunho de apreço pelos serviços d'este estadista, que ficára em Cordova, regendo o imperio na ausencia do seu chefe.

Só Aben-Ishac-ben-Omeya, wali de Santarem, em todos os brindes propostos pelo califa apenas tocou com os labios as bordas do vaso, e a taça, com que o prendaram como a todos os outros convidados, em vez de a guardar, lançou-a occultamente para baixo da meza.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

V.

O ESTYLO é o supremo triumpho de Bernardin de Saint-Pierre. Nenhum escriptor, como elle, soube ainda revestir o gosto apurado e exquisito com a belleza da simplicidade. Não se lhe notam nunca expressões forçadas, nem pouco usuaes; a phrase não é ambiciosa, nem deslumbrante, mas toca a alma pela fragrancia, e pelo suave perfume de uma doce e terrena melancolia. Se alguma vez, menos severo que Buffon, chama ás cousas pelos seus nomes, é que elle tinha o dom especialissimo de possuir uma linguagem puramente sua, que ainda ninguem tinha comprehendido, que poucos têm imitado, e que ainda ninguem talvez igualou. Não deslumbra, encanta. As subtilezas, e as expressões alambicadas, que Cham-

(1) No territorio de Corpa, a duas leguas de Alcalá de Henares, ha uma nascente, a que se deu o nome de *fonte dos sete pães*. A origem d'este nome é a seguinte. Um pastor, que tinha acabado de receber a sua ração de pão para sete dias, assentou-se a almoçar á borda d'esta fonte. Entrou a beber d'ella para apagar a sede; mas, á medida que bebia, ia-lhe augmentando a fome, a tal ponto que de uma só vez, e sem ficar saciado, devorou os sete pães destinados para toda a semana.

plort e Rivarol tomavam por originalidade, foram por elle desprezadas. Da lingua latina aproveitou a extensão e apropriado dos periodos; do idioma grego a fluidez do dialeto jonico, e do francez do seculo 16.<sup>o</sup>, a suavidade da expressão, e a feliz vivacidade de pensamentos e de phrase, que dão aos *Ensaïos* de Montaigne, e ás traducções de Amiot, um attractivo irresistivel.

Encarado Saint-Pierre como philosopho vê-se que o pensamento, que preside a todos os seus livros é o desenvolvimento do dogma da Providencia. Prende a cadêa invisivel, que liga o céu á terra, o homem a Deus, e os homens entre si. Truncado que seja um dos aneis, o mundo, segundo elle, voltaria logo ao cahos de que saíra. A religião é a sua unica crença; se perguntardes mais alguma cousa ao auctor do *Caffé Surate*, e da *Voyage en Silésie*, responder-vos ha com a sua fé profunda e sincera. Não escreve para os sectarios de um culto, de uma religião qualquer; escreve para a humanidade. É tão catholico como protestante; pertence á communhão universal de todas as intelligencias, que desde o começo do mundo tem erido em Deus. Aonde parou Bernardin de Saint-Pierre, começa Chateaubriand. Este ultimo inquire a sua propria intelligencia, consulta o coração sobre o modo como poderá sustentar-se inabalavel e puro o culto da Providencia no meio dos desvarios do espirito humano. Sente a necessidade de uma religião positiva, que conserve na sua força esta verdade axiomática. É o catholicismo, que escolhe, como unica em que possa guardar-se o deposito, o mais precioso, puro e intacto. Repudia todas as seitas, e só vê brilhar a sua crença na magestade dos templos, na pompa das ceremonias, no deslumbrante das festas, na harmonia dos canticos, na poesia das ruínas, e até na influencia artistica e litteraria. Seus dous predecessores, João Jacques e Saint-Pierre, eram apenas theistas, elle é christão, e com este nome tira, em proveito do seu culto, a conclusão das suas premissas.

## VI.

A morte de Bernardin foi bella, como candida e pura era a sua alma. Como Rousseau, quiz que o ultimo brilho de seus olhos se alargasse e extinguisse a contemplar o espectáculo imponente e magestoso da natureza. « *Mourir*, » dizia elle muitas vezes, « *n'est que finir le jour de la vie.* » Vendo a Providencia cobril-o de beneficios nos seus ultimos annos de existencia, creu então mais profundamente ainda no seu dogma; acreditou que a vida não se cifrava só n'esta peregrinação amarga pelas sendas espinhosos e escuras do mundo. A sua velhice foi socegada; não sentiu nenhum d'esses profundos soffrimentos, que ordinariamente acompanham a decrepitude. Deixou de existir no inverno de 1814, n'uma deliciosa manhã, ao romper do sol, como se o astro do dia quizesse illuminar pela ultima vez com uma aureola brilhante a fronte serena do moribundo. O cantico da natureza tinha reunido os Socrates e os Fenelons n'um d'esses mundos poeticos, em que Bernardin tem por certo de viver, a patria dos sabios.

A noticia da sua morte foi considerada como uma catastrophe publica e nacional. Tinha assistido ao espectáculo grandioso do desabar tremendo do velho mundo. Tinha atravessado a republica; tinha visto o imperio e as suas glorias; tinha assistido ao desmoronamento da monarchia, e á emancipação social. A sua missão estava cumprida; só lhe restava morrer!

Bernardin de Saint-Pierre tem uma estatua no Havre, sua patria. Hoje alevantam-se estatuas ao genio e ao talento como n'outras epochas ao despotismo

e á tyrannia. A realza da intelligencia é a unica, que n'este seculo possui um throno indisputavel. O marmore e o bronze são o Plutarco do seculo 19.<sup>o</sup>. A humanidade curya-se perante a magestade do genio, e ergue-lhe padrões immortaes, como marcos miliarios no progresso social.

J. C. HARCOURT.

DATA DA FUNDAÇÃO DAS UNIVERSIDADES  
EM FRANÇA.

EM 1769 havia em França vinte universidades, estabelecidas nas cidades e nos annos seguintes:

París. . . . .	1200
Toulouse. . . . .	1228
Montpellier. . . . .	1229
Orleans . . . . .	1312
Cahors. . . . .	1332
Perpinhão. . . . .	1349
Angers . . . . .	1364
Orange . . . . .	1365
Aix . . . . .	1409
Dôle . . . . .	1426
Caen. . . . .	1430
Poitiers . . . . .	1431
Bordeus. . . . .	1441
Valence . . . . .	1452
Nantes. . . . .	1460
Bourges . . . . .	1463
Reims. . . . .	1547
Douai. . . . .	1563
Dijon . . . . .	1722
Pau . . . . .	1722

— Hoje em dia a nossa maior carencia não é já tanto de quem tenha vontade de ensinar, como de quem se afervore por aprender: ha proporcionalmente, mais quem dê ou quem offereça, do que não quem peça, ou quem aceite: e como se hão de ir abrindo as tantas escolas de que ainda havemos mister, se do nada as não forem evocando os rogos e votos dos que as devem frequentar? O mestre é um medico, o discipulo um doente; em quanto o doente se não conhece como tal, em quanto não deseja saude, em quanto não implora soccorro, o medico, ainda que perto more, não apparece para o salvar. Seja o nosso ponto, primeiro que outro nenhum, accender em vós mesmos e em vossos filhos o gosto da leitura; d'elle, como effeito da causa, virá tudo o mais. As ponderações, que já vos fiz, e vos tenho repetido, sobre as conveniencias do ler para o aperfeiçoamento moral, industrial e agricola; para augmento dos haveres, da saude, dos deleites e da convivencia, são muito certas, muito claras, e muito irrefragaveis; mas receio que não tenham, só per si, efficacia bastante para vos vencer a natural inercia; quer-se uma persuasão mais immediata, um argumento, embora menos forte, porém mais presente, e como tal menos resistivel; n'uma palavra, quer-se que o ler, já pela sua propria formosura vos namore, independentemente do que promette e póde dar.

CASILHO. — FELIC. PELA AGRICULTURA.

— O estabelecimento do christianismo mudou a face da terra; e foi principalmente da caridade, que Deus se serviu para este estabelecimento: foi sobre as suas azas, que a tocha da fé voou de uma extremidade do mundo á outra.

BASTOS — MEDITAÇÕES.